escola também.

É necessário que o professor saiba passar o valor do ambiente escolar para o aluno e o valor da sua função e das atividades pedagógicas aplicadas.

O professor deve reconhecer que a criança só constrói seu conhecimento desenvolvendo seu raciocínio, e deve colaborar para que isso aconteça, que seus esquemas cognitivos e assimiladores que os fazem capazes de serem alfabetizados são estimulados antes de conhecerem o aprendizado formal e que há problemas patológicos ou não, que interferem nessas capacidades.

Aprender a ler e a escrever depende de muito mais que de punições e provas, e fatores motivantes e energizantes. Além das atividades atraentes de objetivos claros, o diálogo é o fator que mais pode desfazer questões e mudar atitudes quando a aprendizagem e ao hábito da leitura e escrita.

Os processos de alfabetização são gradativos e dependem também do espaço físico em que a mesma é realizada. A sala de aula pode transformar-se num espaço em que criança terá contato com materiais escritos ampliando suas vivências com o mundo letrado. Para isso não se poderá manter o ambiente físico tradicional carteiras enfileiradas e paredes nuas.

Transformar a escola e particularmente a sala de aula num ambiente que estimule as mais variadas situações da escrita facilita a expressão livre do aluno, bem como, favorece o processo de alfabetização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, J. J. Alfabetização e leitura. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

FONTANA, Roseli. CRUZ, Maria Nazaré da. Psicologia e Trabalho Pedagógico. São Paulo: Atual, 1997.

FISHER, Steven R. História da escrita: Tradução Mirna Pinsky. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

LURIA, A. R. (1979). Curso de Psicologia Geral. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

PAIN, S. Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem. 4. ed.

Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E O LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL .QUEM CONTA UM CONTO GANHA UM LEITOR .

ROSANA DE CAMARGO NUNES

RESUMO

Sabe-se que Educação Infantil as crianças realizam pseudos leituras, diferenciam os diversos portadores textuais mesmo sem saber ler. Conhecem e diferenciam poemas de contos e de receitas. Esta habilidade é desenvolvida quando professor possibilita o contato com a leitura e escrita. Neste artigo busca-se mostrar como a contação de histórias pode desenvolver a linguagem e inserir as crianças da Educação infantil no mundo letrado. Como ao contar histórias o professor pode apresentar às crianças os diversos portadores textuais e incentiva-la a buscar recursos para a leitura. Conta-se como

apoio bibliográfico, ABRAMOVICH (1997), RNCEI (1998), BNCC (2017), COELHO (2002), COLOMER (2007), MARTINS (1990), SACRISTÁN (1998), SOARES (2007). Mostra-se também a diferença entre alfabetizar e letrar tendo como foco o desenvolvimento da linguagem oral .este artigo também traz uma reflexão sobre estratégias de contação de historias que podem facilitar o ensino aprendizagem na Educação Infantil .

Palavras-chave: Contação. Letramento. Estratégias de ensino aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Ao ingressar numa escola de Educação Infantil para uma criança significa aprender a conviver em outro ambiente que não o familiar, reunir-se com outras crianças e adultos, participar de outros universos materiais e simbólicos, compartilhar diversidades e constituir perspectivas comuns a partir de diferentes pontos de vista. A Educação Infantil em seu cuidar e educar assume com essa criança o compromisso de suas aprendizagens.

A Educação de todas as crianças é um direito fundamental, para a garantia destes direito as unidades escolares é necessário que o currículo seja integrador e vivo.

O valor de qualquer currículo, de toda proposta de mudança para a prática educativa, se com- prova na realidade na qual se realiza na forma como se concretiza em situações reais. O currículo na ação é a última expressão de seu valor, pois, enfim, é na prática que todo projeto, toda ideia, toda intenção, se faz realidade de uma forma ou outra; se manifesta, adquire significado e valor, independentemente de declarações e propósitos de partida. (SACRISTÁN, 1998, p. 201).

Um currículo integrador é aquele que compreende a necessidade de proporcionar as crianças experiências múltiplas para que possam aprender e entender o mundo que o cerca. O professor deve oferecer caminhos sendo mediador para as aprendizagens aconteçam. È fundamental pensar as aprendizagens não por conteúdos advindos da estrutura das disciplinas, mas pelas aprendizagens constitutivas dos sujeitos nos grupos.

Essas experiências precisam ser imaginadas, discutidas, refletidas, tecidas, transformadas em proposições que se estabeleçam como marcos dessa necessária integração.

Este artigo estrutura-se e busca estabelecer um diálogo entre os pressupostos teóricos que o embasam e as práticas de leituras vivenciadas na Educação Infantil onde perpassa por diversas experiências de letramento que podem ser vivenciadas pelas crianças ao ter contato com diversos portadores textuais.

A escola deve adotar formas de trabalho que proporcionem maior mobilidade às crianças na sala de aula, explorar com elas mais intensamente as diversas linguagens artísticas, a começar pela literatura, utilizar mais materiais que proporcionem aos alunos oportunidade de raciocinar manuseando-os, explorando as suas características e propriedades, ao mesmo tempo em que passa a sistematizar mais os conhecimentos escolares. Além disso, é preciso garantir que a passagem

da Pré-Escola para o Ensino Fundamental não leve a ignorar os conhecimentos que a criança já adquiriu. Igualmente, o processo de alfabetização e letramento, com o qual ela passa a estar mais sistematicamente envolvida, não pode sofrer interrupção ao final do primeiro ano dessa nova etapa da escolaridade. (BRASIL, 2010d, p. 120)

Mostraremos a importância da Literatura Infantil para desenvolvimento do letramento e da linguagem oral.

A LITERATURA INFANTIL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Vê-se que com o aumento da tecnologia e da velocidade de trocas de informação, as crianças muitas vezes têm acesso a muitas informações prontas através de jogos, televisão, tablets e esse novo comportamento, voltado ao entretenimento, tem afastado e estas tem pouco acesso a histórias e livros.

As crianças muitas vezes só terão contato com literatura somente na escola. Por isso é importante que os professores oportunizem acesso aos diferentes portadores textuais e que possam ser explorados nos espaços que contemplem o desenvolvimento de capacidades específicas na literatura.

Um dos aspectos que determinam a quantidade desses espaços é o tipo de material, sua diversidade e quantidade suficiente para o número de crianças da turma. Nesses espaços, contemplamos o direito de se expressar, proposto também na Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2017), quando afirma que as crianças e os bebês são criativos e sensíveis, expressam-se com diferentes linguagens, sensações corporais, necessidades, opiniões, sentimentos e desejos, narrativas, registros de conhecimentos elaborados a partir de diferentes experiências, envolvendo tanto a produção de linguagens quanto a fruição das artes em todas as suas manifestações.

Ao possibilitar essas experiências dá-se a crianças o direito de conhecer se fizer presente, pois ao criar e inventar, as crianças constituem-se como sujeitos.

Segundo Coelho (2000)

Desde as origens, a literatura aparece ligada a essa função essencial: atuar sobre as mentes, nas quais se decidem as vontades ou as ações; e sobre os espíritos, nos quais se expandem as emoções, paixões, desejos, sentimentos de toda ordem [...]. No encontro com a literatura (ou com a arte em geral) os homens têm a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida, em um grau de intensidade não igualada por nenhuma outra atividade (COELHO, 2000, p. 29).

O trabalho com literatura, na Educação Infantil, não deve ter o ensejo de alfabetizar as crianças, tendo em vista que, de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem garantir experiências que possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos. Ainda de acordo com o documento

A proposta pedagógica das institui-

ções de Educação Infantil deve ter como objetivo garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças. (BRASIL, 2010, p. 18).

O contato com a literatura infantil garantido dentro dos CEIs e EMEIs pode incentivar a criança a buscar novos recursos, mesmo não sabendo ler ela pode adentrar-se no mundo da leitura. "Nenhuma outra forma de ler o mundo dos homens é tão eficaz e rica quanto a que a literatura permite." (Coelho, 2000).

A Literatura, na Educação Infantil, é capaz de promover o conhecimento de si e do mundo, incentivando a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, objetivos elencados como eixos do currículo nas práticas pedagógicas da Educação Infantil.

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Sabe-se que ler ou contar histórias vai muito além do que simplesmente dizer as palavras de um texto escrito ou oral. A narração, seja ela feita de memória ou lida, precisa mostrar que quem narra entende que uma história não é feita apenas de palavras escritas, mas de imagens articuladas numa narrativa capazes de nos transportar para outros mundos. Essas palavras precisam soar, pois o componente sonoro da narração é fundamental – é necessário ter cadência e fluência.

A contação de histórias comprovadamente contribui para o desenvolvimento infantil nos aspectos cognitivo, físico, social e psicológico, fazendo o aluno exercer melhor seu senso de socialização, comunicação, criatividade e disciplina.

A linguagem oral é a mais remota figura de comunicação entre as pessoas, portanto, as histórias têm papel respeitável no desenvolvimento das crianças. Mais que uma linguagem prazerosa e educativa, a ação de contar e ouvir histórias possibilita o resgate da memória cultural e afetiva.

Contar histórias é a mais antiga das artes. Nos velhos tempos, o povo se reunia ao redor do fogo para se esquentar alegrar, dialogar, narrar acontecimentos. As pessoas assim reunidas contavam e repetiam histórias, para guardar suas tradições e sua língua.

Assim transmitiam a história e o conhecimento acumulado pelas gerações, às crenças, os mitos, os costumes e os valores a serem resguardados pela comunidade. Devemos lembrar que Cristo, nas pregações, usava a parábola, uma forma narrativa alegórica, uma história, para passar sua mensagem aos homens. Suas palavras iam do concreto ao simbólico e todos as entendiam.

O ato de contar uma história, além de atividade lúdica, amplia a imaginação e ajuda a criança a organizar sua fala, através da coerência e da realidade. O ver, sentir e ouvir são as primeiras disposições na memória das pessoas.

Contar histórias é uma experiência de interação. Constitui um relacionamen-

to cordial entre a pessoa que conta e os que ouvem. A interação que se estabelece aproxima os sujeitos envolvidos. Os contos enriquecem nosso espírito, iluminam nosso interior, e, ao mesmo tempo, nos tornam mais protagonistas na resolução dos problemas e mais flexíveis para aceitar diferenças.

A CONTAÇÃO DE HISTORIAS E O LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

Conhecimentos de leitura e escrita são requisitos indispensáveis para inclusão social. No Brasil, desde o final de 1980, o conceito de alfabetização tem sido identificado com método tradicional, com a decodificação e o termo letramento tem sido agregado ao construtivismo ou socioconstrutivismo.

Embora não seja um objetivo da EI alfabetizar as crianças, os ambientes e propostas dos CEIs e das EMEIs proporcionam a necessária imersão delas no mundo letrado. A criança percebe isso na observação das histórias que são lidas, nos nomes que estão nas capas das agendas, nos bilhetes que são enviados para as famílias/responsáveis, nas atividades que envolvem o registro escrito.

Participar do meio social é ter possibilidade de dialogar com as várias instâncias presentes no nosso meio. Há duas demandas que decorrem nesse momento histórico: a necessidade de estas habilidades alcançarem todas as camadas da sociedade e que este conhecimento esteja num nível de qualidade mínimo que possibilite a participação social.

Não tem-se o intuito de alfabetizar as crianças da Educação Infantil, mas inseri-las no mundo da leitura é indispensável para possam letrar-se.

Vários livros definem alfabetizar como o ato de ensinar a ler, mas aos poucos esses conceitos vêm mudando, hoje muitos educadores e alfabetizadores utilizam o termo “letramento”, como algo além de alfabetizar, trata-se da compreensão da leitura e escrita, assim criança está alfabetizada ao saber ler e escrever e letrada ao compreender o que leu e escreveu, está letrada quando domina a leitura e a escrita e faz o uso social de ambas.

Letramento é de certa forma, o contrário de analfabetismo, aliás, houve um momento em que as palavras letramento e alfabetismo se alteravam para nomear o mesmo conceito. Ainda hoje há quem prefira a palavra letramento eu mesma acho alfabetismo uma palavra mais vernácula que letramento, que é uma tentativa de tradução da palavra inglesa literary, mas curvo-me ao poder das tendências linguísticas, que estão dando preferência a letramento. Analfabetismo é definido como o estado de quem não sabe ler e escrever, seu contrário, alfabetismo ou letramento, é o estado de quem sabe ler e escrever, ou seja: letramento é o estado em que vive o indivíduo que não só sabe ler e escrever, MS exerce as práticas sociais de leitura e escrita que circulam na sociedade em que vive. SOARES (2007).

O letramento como é visto vai além da alfabetização. Ter contato com mundo letrado e entender que a leitura é uma pratica social.

Hoje, tão importante quanto conhecer o funcionamento do sistema de escrita é poder se engajar em práticas sociais le-

tradas. Assim, enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita, o letramento se preocupa com a função social do ler e do escrever.

Os professores têm um importante papel na inserção destas crianças no mundo da leitura e escrita. A organização das experiências que crianças vivenciarão nas Unidades Educacionais exige que os professores planejem sua prática pedagógica e a relampejem com as crianças de sua turma, selecionem, organizem e disponibilizem materiais, organizem as formas de gestão do tempo e espaço, proponham e organizem vivências com e para as crianças e avaliem todo esse percurso a partir da interação, observação e diálogo com os sujeitos envolvidos nos processos.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) da Língua Portuguesa (BRASIL 2001, p. 21) fala explicitamente sobre este termo, mas a sua proposta vai de encontro às propostas do letramento, isso é perceptível ao observar o que é citado nos PCN's a respeito de pesquisas e investigações referentes à alfabetização.

Para a SOARES (2004) estes dois conceitos têm uma relação de interdependência uma vez que no ensino da leitura é preciso momentos de estudos sistemáticos da língua em sala de aula e ao mesmo tempo é preciso que o educasse perceba a utilização da língua como prática social.

Alfabetização e letramento não tem o mesmo significado, trata-se de dois processos diferentes que ocorrem de forma indissociável e interdependente. Alfabetizar é tornar o indivíduo capaz de ler e escrever; quando faz uso social da leitura e da escrita torna-se letrado.

Um indivíduo pode ser alfabetizado e não ser letrado, saber ler e escrever, porém não cultivar nem exercer práticas de leitura e de escrita, não ler livros, jornais, revistas, ou se incapaz de interpretar um texto lido, tendo dificuldades para escrever uma carta ou mesmo um telegrama, este sujeito é considerado alfabetizado e não letrado.

O ato de "letrar" implica utilizar a leitura e a escrita de modo diferente da simples ação de ler e escrever como ocorre na codificação e decodificação, pois representa o uso da leitura e da escrita em distintos contextos sociais, fazendo uso de diversos portadores de textos.

O professor deve ter uma atitude de aproximação com a realidade vivenciada pelo educando bem como respeitar e acolher o repertório linguístico do educando, que ao longo do processo, será ampliado com vistas às várias demandas sociais, mesmo que o os educandos sejam crianças pequenas.

O LETRAMENTO ATRAVÉS DE HISTÓRIAS CONTADAS

Sabe-se então que letramento esta além da alfabetização e não está ligada a sistematização da escrita pode-se dizer então que as crianças mesmo não sabendo ler podem ser letradas. Pois, elas podem através das historias ouvidas podem interpretar e recontá-las.

Como esclarece Martins (1990):

A leitura se realiza a partir do diálogo do leitor com o objeto lido, seja escrito sonoro, seja um gesto, uma imagem, um acontecimento. Esse diálogo é referen-

ciado por um tempo e um espaço, uma situação: desenvolvido de acordo com os desafios e as respostas que o objeto apresenta, em função do prazer das descobertas e do reconhecimento de vivências do leitor. (MARTINS, 1990, pg. 33)

Na Educação Infantil a criança realiza também pseudo-leituras , o pré-leitor é uma categoria inicial que envolve a fase da primeira infância, que vai dos quinze meses aos dois anos, e a segunda infância, quando a criança está completando os três anos.

Na primeira fase, a criança inicia o conhecimento da realidade que a rodeia, estimulada pelos contatos afetivos, momento em que conquista a própria linguagem e nomeia o que está à sua volta.

Na segunda infância, começa a predominar os valores vitais, e sensoriais. É um período egocêntrico e de interesses por jogos e brincadeiras, com um crescente impulso de adaptação ao meio físico e novas formas de comunicação verbal. Ao ler para a criança que se encontra nessa fase o professor como o mediador faz com a criança se familiarize com o texto literários construindo pontes entre o texto e o leitor que ainda não adquiriu autonomia .

Ler enriquece a todos até certo ponto, mas, como diz o escritor catalão Emili Teixidor, para certas obras o leitor não apenas precisa de ajuda, mas um certo 'valor moral', uma disposição de ânimo de 'querer saber'. Nem todo mundo, nem sempre, o deseja. É útil pensar a educação literária como uma aprendizagem de percursos e itinerários de tipo e valor muito variáveis. A tarefa da escola é mostrar as portas de acesso. A decisão de atravessá-las e em que medida depende de cada indivíduo. (COLOMER, 2007, p. 68).

Mesmo como pseudos leitores os livros devem fazer, assim, parte da realidade da criança na Educação Infantil, precisa ser um objeto tão comum para que o ato de ler – imagens e posteriormente o código escrito – seja um ato tão comum quanto vestir-se.

Para isso, pode ser de grande valia trabalhar com a contação de histórias na educação infantil, ampliando seu contato com a literatura infantil nos primeiros anos de vida.

E percebido que um bom contador de histórias é aquele que possui muitas experiências sensitivas. O professor deve prestar atenção na dicção, contar é mais do ler.

Planejar as atividades de acordo com a faixa etária, preparar o local, descobrir se há pontos na sala, ou no espaço que dificulte a visualização, ou a audição das crianças. Perceber se há muita luz, pouca luz, muito calor, pouco calor. Corrija o excesso se não for proposital. Sensibilizar as crianças antes de começar, para que não dispersem durante a história. Dar preferência para o ato narrativo ao ilustrativo. São maneiras e recursos que o professor pode utilizar para melhorar sua prática.

Além dos livros contação pode ser realizada com bonecos , dedoches e materiais não estruturados mas, é preciso ter cuidado para não virar teatro, teatro de bonecos, teatro de animação. Centralizar a concentração das crianças no ato de narrar com, ou sem livros, com ou sem

bonecos. O que realmente importa é a voz, no ato de contar história, sempre será o principal foco de atenção.

Todas estas sugestões facilitam a contação. Depois da contação o professor pode realizar atividades de vivência artística e prática corporal para a apreensão dos signos contísticos. Pintar, dançar, cantar, escutar músicas sempre será melhores recursos do que explicar, ou conceituar a história que se acabou de ler, ou narrar. Utilizar os acontecimentos dos contos como forma de admoestação e expiação, ou chantagem, empobrece o trabalho pedagógico.

Como também como realizar uma contação somente pera o prazer de contar e ouvir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando falamos em leitura na Educação Infantil, parece que estamos nos referindo a algo subjetivo; no entanto, uma das características da leitura é que ela permite ao indivíduo ter acesso a informações e ao conhecimento produzido no mundo.

Vimos que a contação de historia realizada pelos professores possibilita a inserção da criança no mundo letrado e que o professor ao planejar situações de contação de histórias esta possibilitando a criança o acesso há um conhecimento construindo historicamente.

Viu-se aqui a importância de planejar estratégias para incentivar as crianças nas construções das suas aprendizagens. Nossa pesquisa então traz a tentativa de mostrar como a contação de histórias como ferramenta didática e transformar as aulas num processo de lúdico de aprendizagem.

Fica evidente a importância da contação de histórias no desenvolvimento da linguagem oral e como ferramenta pedagógica para o educador, para desenvolver o letramento na Educação Infantil .

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1991.

BAMBERGERD, Richard. Como incentivar o hábito da leitura. 7. ed. São Paulo. Ática. 2000.

BRASIL. Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental.– Brasília: MEC/SEF, 1998. 1 v e 3 v.

_____ Base Nacional Comum Curricular. Ministério da Educação. Brasília. 2017

BUSATTO, Cléo. Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa.

Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

COELHO, Betty. Contar histórias: uma arte sem idade. – São Paulo: Ática, 1997.

COLOMER, Teresa. Andar entre livros: a leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2007.

EDUARDO, Shirlei Gomes. A marca individual do Contador de Histórias. Monografia (graduação) - Universidade de Taubaté, Departamento de. Ciências So-